

# FORMAÇÃO CONTINUADA NA ESCOLA: AMPLIAÇÃO CULTURAL DO ACERVO DE PRÁTICAS CORPORAIS DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ALEXANDRE FLORES ANJOS

Professor de Educação Física da Rede Municipal de Educação de Serra/ES

ELISA BARCELOS SILVA

Professora de Educação Física da Rede Municipal de Educação de Serra/ES

MS. UEBERSON RIBEIRO ALMEIDA

Mestre em Educação Física Escolar pela Universidade Federal do Espírito Santo  
Membro do Laboratório de Estudos em Educação Física – LESEF/CEFD/UFES

**Resumo** | Apresenta e discute a elaboração de um processo de formação continuada em Educação Física no ambiente escolar produzido pelos professores dessa disciplina curricular e por um pesquisador da universidade nos anos de 2011 e 2012. Compartilhou-se saberes/fazeres por meio de Oficinas Pedagógicas nas quais o grupo experimentou algumas práticas corporais. Tal processo formativo possibilitou aos docentes trocar experiências, ampliar seus repertórios de práticas da Cultura Corporal e a produzir novos saberes que contribuíram nas suas práticas pedagógicas. A experiência de formação na escola por meio das práticas corporais traz subsídios para reflexões do cotidiano escolar e para os movimentos formativos que emergem neste espaço.

**Palavras-chave** | Formação. Educação Física. Práticas Corporais.

## A CRIAÇÃO DO GRUPO DE FORMAÇÃO NA ESCOLA

Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento (FREIRE, 1996, p.50).

A ideia do inacabamento humano apresentada por Paulo Freire nos ajuda a compreender a emergência da “Formação continuada na escola” por meio de oficinas, pensada por nós, professores de Educação Física (EF) da Escola Jorge Amado<sup>1</sup> (EMEF Jorge Amado) no ano de 2011/2012. Por nos considerarmos seres “inacabados” e, portanto, não totalizados, refletimos e elaboramos um processo de formação no ambiente escolar na própria escola onde trabalhamos com o intuito de problematizar e ampliar nossos repertórios culturais acerca dos conteúdos da Cultura Corporal de Movimento. Acreditamos num currículo vivo, no poder revolucionário do conhecimento na transformação da sociedade e, que, por meio do compartilhamento das experiências profissionais poderemos (re)escrever positivamente o enredo do nosso cotidiano. Assim, por acreditarmos nesse currículo vivo, entendemos ser de suma importância o Curso de Formação Continuada fornecido pela Prefeitura Municipal de Serra, que até o ano de 2010 atendia, de certa forma, nossa demanda profissional.

No Curso de Formação continuada oferecido pela Secretaria de Educação de Serra, havia a preocupação de uma articulação da formação com as vivências dos profissionais da área de EF, surgindo assim, além de discussões acerca do cotidiano escolar, embasamentos teóricos que estruturavam essas vivências. Tal política de formação (inclusive que elaborou as diretrizes para a EF do município) contou com a colaboração coletiva do grupo de professores de EF efetivos e contratados do município, tendo uma preocupação de ser uma formação horizontal, na qual todos foram sujeitos do conhecimento. Em 2011, houve um rompimento na estrutura da formação em razão da troca dos coordenadores, o que gerou uma “nova roupagem”, um outro sentido de formar que distanciou os professores e suas demandas da formação. Vale dizer que esse processo não ocorreu sem embates e lutas, mas o que prevaleceu foi um modelo de formação no qual experiências docentes deixaram de ser o foco, o espaço de formação se distanciou da proposta construída em anos anteriores, não se conectando a vida e aos problemas enfrentados por nós nas escolas.

---

1. Escola Municipal de Ensino Fundamental da Rede de Serra-ES.

Contrários ao modelo de formação continuada vigente naquele momento da Rede-Serra, decidimos continuar o processo de aprendizagem por meio das vivências corporais e discussões acerca do dia a dia escolar, o que nos possibilitou criar um ciclo de formação interna que interferiu diretamente na nossa prática pedagógica. A inspiração para essa empreitada está conectada à nossa participação naquele primeiro momento da Formação oferecido pela Rede-Serra, o que nos afetou a compreender a formação como processo contínuo de aprendizagem sobre os problemas que emergem das práticas, como uma aprendizagem sobre nós mesmos, que nunca se esgota, que nunca tem um ponto final. Experiências como essa “[...] constituem-se com circuitos de vida e que, portanto, não emergem em redomas de vidro; não crescem isoladas de tecidos históricos, de ações coletivas e individuais” (LINHARES, 2002, p. 118). Isso nos indica que estes movimentos que emergem no coração do trabalho escolar “[...] alimentam-se de trânsitos incessantes de religação entre passado e futuro, entre diferentes esferas de atuação humana, entre afetos e produções de linguagens, saberes e conhecimentos materializados nos intercâmbios produzidos pela vida” (Idem).

Formamos um grupo constituído por um professor e duas professoras<sup>2</sup> de Educação Física pertencentes à unidade de ensino e um pesquisador da universidade<sup>3</sup>, todos estudaram na mesma instituição de ensino (UFES), passaram pelo mesmo currículo e se formaram na mesma década (década de 2000). A experiência de formação continuada na escola ocorre na EMEF Jorge Amado, onde trabalhamos no turno matutino e lecionamos Educação Física para turmas de séries iniciais do ensino fundamental.

2. Uma das professoras preferiu não assinar como autora do artigo devido ao término do seu contrato de Designação Temporária durante o período da realização das Oficinas. A outra professora que a substitui também decide não assinar o texto por ter participado apenas da Oficina de Ginástica Geral.
3. O pesquisador da universidade é professor de EF e aluno do Curso de Pós-Graduação em Educação da UFES e foi incluído no grupo devido ao seu estudo de doutorado que está sendo desenvolvido na escola em relato.

No que se refere aos sujeitos envolvidos na experiência formativa em relato, a professora Elisa<sup>4</sup> cursou a licenciatura plena no Centro de Educação Física e Desportos da UFES (CEFD/UFES), onde também participou como bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET). Formou-se em 2003, desde então trabalha na área da Educação Física Escolar. Iniciou a vida docente em escolas particulares e a partir de 2007 passou a atuar na Rede pública como docente em cargo efetivo. Já trabalhou na área da saúde em módulos de atividade física e posto de saúde, onde desenvolveu o Projeto P.E.S.O. Trabalha atualmente na área de EF escolar, ocupando dois postos de trabalho, um no município de Serra e o outro na Rede municipal de Vitória. Está na escola Jorge Amado desde 2009.

O professor Alexandre cursou EF no CEFD/UFES e se formou em 2002, acumulou experiências de trabalho em diversas áreas da EF: Educador Social, Professor em escolinhas de esportes, professor de musculação, de capoeira e de EF escolar. Algumas dessas experiências foram vivenciadas na rede privada de ensino, outras na rede pública e no terceiro setor. É professor com cargo efetivo desde 2009 na Rede Municipal de Serra, trabalha atualmente na EMEF Jorge Amado, onde chegou em 2011.

O professor Ueberson (pesquisador da UFES) cursou a graduação e o mestrado no CEFD/UFES, finalizou a graduação em 2005 e defendeu o mestrado em 2008. Atuou (desde 2001) como professor de EF escolar nas redes públicas estadual e municipal da Grande Vitória-ES. Também trabalhou como Educador Social, preparador de equipes para jogos escolares, prof. de musculação, prof. universitário. Atualmente é aluno do Curso de Doutorado em Educação da UFES.

## **A PROPOSTA DA FORMAÇÃO**

Na escola, os horários de planejamento individual às segundas-feiras, tornaram-se, muitas vezes, ociosos. Buscamos preencher essa lacuna valendo-se do intercâmbio entre os saberes trazidos por cada docente de EF. Somos docentes que trabalhamos literalmente juntos, lecionamos

---

4. Os sujeitos envolvidos na experiência optaram por manter seus nomes verdadeiros.

quase sempre para as turmas de mesmas séries e nos mesmos horários, o que nos permite compartilhar, por muitas vezes, os mesmos espaços escolares. Assim, percebemos, por meio das trocas de experiências durante as aulas, que tínhamos muito a aprender um com o outro. Então pensamos que, além do planejamento coletivo das aulas, poderíamos, por meio de oficinas, ampliar nossos conhecimentos sobre as práticas e/ou conteúdos da EF escolar e, com isso, enriquecer nosso repertório de práticas da cultura corporal.

Compartilhar Saberes/Fazer e se transformar com eles significa a busca da ampliação da nossa formação profissional, do nosso poder de agir e, com efeito, também ampliar a diversidade de conteúdos da Cultura Corporal a ser ensinada aos alunos.

Nesse sentido, estruturamos a “formação” em oficinas de aprendizagem. Apostamos nas oficinas como espaços de criação, expressão, transformação, humanização, experimentação, socialização e de polifonia. Oficina como dispositivo, como possibilidade de deslocamento subjetivo, como “máquinas de fazer ver e fazer falar” (Deleuze, 1990), que em sua montagem e vivência forjam multiplicidades, diferenças, aciona modos de funcionamento, produzindo efeitos narrativos e ético-estéticos. Nessa esteira, após intensos e calorosos debates entre nós e o pesquisador da universidade, conseguimos realizar quatro Oficinas, quais sejam: Oficinas de Pipas, Oficina Capoeira, Oficina de Jogos e brincadeiras infantis e Oficina de Ginástica Geral.

## **OPERACIONALIZAÇÃO DAS OFICINAS**

As oficinas ocorreram de 8h às 10h, às segundas-feiras durante o horário de planejamento. Estas foram desenvolvidas entre os meses de maio e agosto de 2012. Ressaltamos que cada oficina era discutida coletivamente no planejamento da semana anterior, o que demandou dois<sup>5</sup> encontros na escola para a realização de cada oficina por mês. Ao

---

5. A Oficina de Capoeira demandou duas vivências, o que exigiu três encontros para seu planejamento e desenvolvimento no mês de junho.

término do encontro de cada oficina, avaliávamos também a melhor data para realizar a próxima, sempre nos adequando ao calendário escolar e às contingências do cotidiano de trabalho docente. Ministramos as oficinas sobre conteúdos que dominávamos em um sistema de compartilhamento e troca de experiências, agindo como multiplicadores e facilitadores de progressões pedagógicas, mostrando formas de explorar ao máximo os temas abordados. Algumas oficinas foram construídas e ministradas por um responsável e outras foram produzidas e ministradas em conjunto, envolvendo a contribuição direta de todos os participantes. Além disso, para temas de oficinas que fossem muito específicos, abrimos a possibilidade de convidar outros professores e/ou até mesmo mestres da cultura popular.

A dinâmica das oficinas se traduziu em encontros para discussão do conteúdo (planejamento), a vivência e a avaliação. Esta ocorreu em forma de roda de conversa ao final de cada vivência. As avaliações duravam entre vinte e trinta minutos e se mostraram momentos importantes do processo de formação. Nesses momentos, bem como nos de planejamento, emergiam algumas tensões em relação à questão teoria *versus* prática e aos modos de ensinar um conteúdo em uma instituição singular como a escola. Pra quê vivenciar tal conteúdo? O que faremos com o conhecimento sobre tal prática? Precisamos buscar ancoragem em algum texto, em alguma teoria pedagógica que nos auxilie a pensar sobre as nossas práticas?

Essas questões nos levaram a não seguir um único modelo previamente determinado, cada professor responsável pela condução da formação a organizava de acordo com as singularidades com as quais pensava o trato didático-pedagógico do conteúdo. Não obstante, durante as vivências, todos faziam intervenções, davam dicas, chamavam a atenção para detalhes sobre o trato do conteúdo. A troca de materiais sobre os conteúdos também foi importante elemento que ampliou nosso acervo de estratégias didáticas. Livros, *sites*, revistas, textos, vídeos foram trazidos e compartilhados por todos. Ao final, avaliávamos a vivência em sua forma e conteúdo. Embora, um professor conduzisse a Oficina, a responsabilidade pela aprendizagem era de todos os envolvidos.

Em um momento de avaliação, um dos professores sugeriu que incluíssemos alguns alunos nas oficinas, com a hipótese de que a transposição didática do conteúdo com as crianças pudessem trazer novos problemas que nós, os adultos, não conseguíamos produzir. O envolvimento das crianças enriqueceu as oficinas e gerou a expectativa por parte delas acerca do aprendizado daqueles conteúdos nas aulas de EF.

Percebíamos que mudávamos a cada encontro de discussão e de vivência. Deparávamo-nos com nossas experiências e com as (in)experiências. O outro nos enriquecia com seus saberes diferentes, mas também nos “perturbava” e nos convidava a sairmos de nós mesmos, a pensar de outros modos. Vale dizer que em algumas vezes a discussão tanto do planejamento quanto das vivências das oficinas foi tensa e calorosa, contudo, fraterna a ponto de nos permitir ir construindo um “comum” sob os pilares da confiança. Desse modo, por meio das oficinas, inventamos modos diferentes de ensinar a construção de brinquedos, brincadeiras, capoeira e ginástica geral. Inventamos modos diferentes de intervir. Aprendemos, também, que compartilhar não é oferecer algo pronto ao outro, um saber, uma técnica, mas é “entrar em relação com” e produzir avaliações, critérios, mudanças que ampliam a vida com aquilo que outro traz para roda das negociações, com a diferença.

No intuito de “compartilhar” as oficinas com a comunidade, trazemos abaixo um breve esboço das diferentes estruturas que algumas delas apresentaram. Ressaltamos que essa experiência de formação foi compartilhada com os professores da Rede de Serra-ES em dezembro de 2012. Além disso, como efeito das oficinas, planejamos e desenvolvemos um projeto intitulado “Brinquedos que Voam” com turmas de 3ª Séries e de 3º Anos do Ensino Fundamental I. Contudo, entendemos que o relato sobre o desenvolvimento desse projeto deverá compor outro texto, o que nos esforçaremos em publicar nos próximos números desses Cadernos.

Esperamos que este processo de formação na escola que vivenciamos não seja entendido como estratégia a ser reproduzida de modo mecânico, mas que possa se juntar a tantos outros movimentos formativos que lutam por uma escola pública potente, na qual os docentes sejam autores no trabalho e os gestores de suas existências.

Seguem os esboços das oficinas:

### Oficina de pipas

**Primeiro momento:** Apresentação teórica do conteúdo, curiosidades e relatos de experiência;

**Segundo momento:** construção de pipas com folhas de papel;

**Terceiro momento:** experimentação das pipas;

**Quarto momento:** roda de diálogo e avaliação.



Foto 1: construção de pipas de papel



Foto 2: professores experimentando as pipas

### Oficina de capoeira - 1º Encontro

**Primeiro momento:** relato da experiência do professor e análise das possibilidades a serem exploradas

**Segundo momento:** brincadeiras relacionadas à capoeira;

**Terceiro momento:** fundamentos básicos da capoeira;

**Quarto momento:** roda de diálogo e avaliação.

Durante a avaliação julgamos ser necessário mais um encontro devido à empolgação que tomou conta dos professores com as possibilidades de utilização nas suas práticas.

### 2º Encontro

**Primeiro momento:** Conversa sobre o primeiro encontro e breve discussão sobre quais estratégias utilizar neste novo encontro. Optamos por

trabalhar fundamentos coreográficos da capoeira e sequências pedagógicas.

**Segundo momento:** Vivência prática e compartilhamento de experiências

**Terceiro momento:** Histórico da capoeira; roda de diálogo e avaliação.



Foto 3: Aprendizagem da ginga da capoeira



Foto 4: vivenciando golpe Meia-lua de compasso

### Oficina de jogos e brincadeiras infantis

**Primeiro momento:** Explicação acerca da importância do brincar na concepção de Elenor Kunz;

**Segundo momento:** Vivência das brincadeiras e discussão sobre várias formas de serem ensinadas. Alguns alunos da escola participaram das oficinas.

**Terceiro momento:** Roda de diálogo e avaliação.

### Oficina de Ginástica Geral

**Primeiro momento:** conversa sobre os métodos ginásticos e a singularidade da ginástica Geral (GG), bem como sobre importância do cuidado e da segurança para realização dos movimentos.

**Segundo momento:** vivência de movimentos e formas de GG. Alguns alunos da escola participaram das oficinas. Suas experiências foram aproveitadas, seus movimentos foram discutidos e incorporados à vivência.

**Terceiro momento:** Roda de diálogo e avaliação.

Por fim, nós desejamos uma formação ampla, que nos transforme, formação-vida, que esteja também ligada aos diversos problemas que necessitamos resolver. Os problemas de aprendizagem dos alunos não são de modo algum apenas nossos; todos os problemas da escola, dos mais simples aos mais complexos são questões político-sociais amplas. Queremos nos formar, não por meio de “pacotes prescritivos” a serem aplicados que nunca os são, mas por processos que nos sensibilize a refletir sobre nossos inacabamentos, sobre nossa condição de lutar pela produção da história, pela nossa autonomia.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. Que é um dispositivo? In: FOUCAULT, M., **filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. SP: Paz e Terra, 1996.

LINHARES, C. De uma cultura de guerra para uma de paz e justiça social: movimentos instituintes em escolas públicas como processos de formação docente. In: \_\_\_\_.; LEAL, M. C.(Org.). **Formação de professores**: uma crítica à razão e à política hegemônicas. RJ: DP&A, 2002, p. 103-129.

**Recebido: 03 janeiro 2013**

**Aprovado: 02 março 2013**

**Endereço para correspondência:**

**Ueberson Ribeiro Almeida**

**Rua Clarício Alves Ribeiro, 22**

**Oriente**

**Cariacica - ES**

**CEP: 29150-670**

**ueberonribeiro@terra.com.br**